Florestas abertas com bambu *Guadua weberbaueri* Pilg. e um mito sobre a serpente da taboca

Paulo Roberto Melo-Sampaio[1,2]

1 Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
2 Escola Municipal Chico Mendes, Rua Shalom 468 - Santa Inês, 69907-665, Rio Branco, AC, Brasil
E-mail: *prmelosampaio@gmail.com*

Parte da minha experiência profissional foi adquirida nas florestas abertas com bambu no sudoeste da Amazônia. Botanicamente, bambu é uma Poaceae que localmente tem o nome de taboca, fruto da rica linguagem indígena que aqui dominava até o final do século XIX. Nessa região o gênero *Guadua* Kunth é dominante e a distribuição de suas espécies compreende aproximadamente 180.000 km². Durante minhas amostragens de campo, aprendi muito sobre história natural e tive a oportunidade de conversar com seringueiros e outras pessoas da floresta.

O imaginário ameríndio nos deu explicações para relações botânicas com o povo e como algumas delas surgiram: açaí, guaraná, mandioca, vitória-régia, entre outras. Nos deu também outros seres fantásticos como: caboclinho-da-mata, mapinguari e mãe-da-mata. O reino animal também está representado nos pássaros, nos botos, nos sapos e nas serpentes. Muitas observações dos povos da floresta podem ser ignoradas ou vistas com ceticismo pelo cientista interessado em testar hipóteses e verificar a significância de seus dados através de análises estatísticas, mas podem ser de fato boas fontes de informação sobre história natural.

Entre uma conversa e outra com seringueiros, explicando meu trabalho com herpetologia – termo que muita gente, assim como eles, nem sabia o que significava – muitas vezes eu era indagado se havia visto esta ou aquela coisa. Eu, muitas vezes, não fazia ideia de qual animal poderia ser e sempre pedia que me contassem "causos" para que pudesse associar a algo que pudesse ser interpretado cientificamente.

Certa vez, enquanto falávamos sobre serpentes, tomando goles de café fraco e dulcíssimo, no melhor estilo acreano da zona rural, um seringueiro me contou, enquanto puxava um *porronca*, que havia uma cobra que "arrebentava a taboca". Fiquei imaginando como poderia acontecer um fato tão curioso e pedi que ele continuasse. O relato consistia em assumir que havia uma cobra que nascia e dormia dentro da

taboca e que ela ia crescendo, crescendo, crescendo e, quando estava bem forte, o colmo do bambu não aguentava a pressão que seu corpo exercia ali dentro e, assim, a espinhosa planta *espocava* , liberando o animal.

Argumentei que as tabocas naturalmente não tinham aberturas próprias que permitissem a entrada de serpentes. Ora – me dizia o gentil senhor – o extraordinário da história é que a cobra nascia dentro do colmo hermeticamente fechado, involucrado, e que isso era inexplicável. Essa era a *ciência*. Aquela estória ficou no meu imaginário. Como alguém poderia ter imaginado tal coisa? Talvez pudesse mesmo uma serpente habitar um colmo oco de bambu, mas para isso, condições especiais eram necessárias.

Muita atividade de campo seria necessária. A presença semanal nos tabocais em busca de um pequeno sapinho colorido – dendrobatídeo, para os mais íntimos –, talvez me ajudasse a elucidar a origem da história contada pelo extrativista que, com experiência e vivência de várias décadas, havia de ter uma base real, ao qual ele na sua simplicidade não sabia explicar. Não descartei nenhuma hipótese. Eu já sabia dos anfíbios associados ao ambiente de tabocal. Fui à literatura e percebi que a fauna de bambu possuía outros elementos: *carapanãs*, formigas, *cabas*, besouros, aves e o *rato coró*. Talvez ali estivesse uma oportunidade de descobrir uma serpente e desvendar esse mistério.

Ora, a taboca não tem abertura natural, mas o vento assim produz através de sua força. Os besouros abrem os colmos com suas mandíbulas e os pássaros com seus potentes bicos. Claro, não tinha outra explicação! Havia algum elemento da comunidade ou algum fator abiótico responsável por isso. Expliquei ao seringueiro que o vento era capaz de rachar a taboca e que talvez ele tivesse visto alguma cobra que ali se deslocava caindo e ele tivesse associado ao tal mito da cobra na taboca. Falei dos pica-paus e das larvas e adultos dos besouros da broca que também podiam abrir buracos. Expliquei que a taboca era muito fina para comportar uma cobra tão robusta como ele descrevia. Até expliquei que no Acre, na região central do estado, ao longo do rio Purus, existe uma *taboca maceta* [ou bambu-gigante], chamada *Guadua angustifolia* Kunth, que talvez pudesse comportar uma *jiboia* ou *salamanta* juvenis.

O convencimento a respeito do vento e dos animais que faziam isso foi fácil, mas o homem jurava que a cobra vivia dentro do espaço entre um nó e outro! E ele sabia que era uma jararaca perigosa... Bom, associar nomes populares para animais não tão carismáticos como serpentes é uma tarefa inglória: se é vermelha, surucucu-de-fogo; se é amarela, caninana; se é verde, cobra-verde; se é preta, cobra-preta; se é esguia, cobra-cipó; se tem algum anel, coral; agora se tem alguma parte marrom, é jararaca! Na verdade, quase toda cobra (Fig. 1) é jararaca no imaginário leigo: *Dipsas catesbyi* é jararaquinha, *Helicops angulatus* é jararaca d'água, *Hydrodynastes gigas* é jararacuçu-piau, *Leptodeira annulata* é jararaca-do-rabo-fino, *Xenodon severus* é jararaca-do-brejo e *Bothrops atrox* é jararaca-da-boca-podre. Essa sim, peçonhen-

ta. E por aí vai... Mas amostragem de campo e talvez, encontrando essa cobra enorme, eu pudesse convencer que o bicho não vivia dentro e sim entre os bambus. A resposta era sempre a mesma: a cobra vive dentro, é *bitela* e racha a taboca! É malhada.

A curiosidade só aumentava até que, para minha surpresa, durante uma amostragem de girinos do sapinho da taboca *Ranitomeya biolat* (atualmente *Ranitomeya sirensis*, eu finalmente descobri o mistério: uma dormideira, *Imantodes cenchoa* (Linnaeus, 1758), repousava dentro de um colmo de bambu (Fig. 2A-F). Como é uma serpente predominantemente saurófaga e noturna (e.g., Martins & Oliveira, 1999; Cunha & Nascimento, 1978), embora pudesse ser atraída a apresar o sapinho, certamente não estava a fim de comer meu objeto de estudo, dada a condição e hora do achado. Entrou através de um buraco bem *pixocotinho* que consistia num arranjo geométrico bonito, feito pelo pica-pau lindo *Celeus spectabilis* Sclater & Salvin, que permite sua busca pelas formigas (Fig. 3A). Mostrei a foto ao bom homem que se convenceu com a minha explicação (Fig. 3B, C). Sim, também achei o girino que eu buscava (Fig. 3D).

Talvez uma das primeiras ilustrações dessa serpente é aquela contida no *Physica Sacra*, no pouco conhecido trabalho de Scheuchzer (1735), no qual ele descreve na página 1347 (Fig. 4):

Dipsas longa tenuis capite ex fusco & albo perbelle picto, ex carneo, fusco, nigro & albo flauescente varia, collo & cauda praetenuibus longis: dorsum pingitur maculis, in collo & cauda sublongis, in medio corpore triangularibus fere fuscis, sed atro colore punctatis. Dipsas ex albo subnigro aliisue coloribus varia.

...que pode ser traduzido livremente como: Dipsas longa e fina, de cabeça pintada de preto e branco, inserção tornando-se marrom, preto e branco salpicado de amarelo, pescoço fino, cauda e dorso longos são pintados com manchas no pescoço e sublongas da cauda, no meio do corpo é quase triangular e pardacento, mas na parte escura há manchas. Dipsas branca com listra de enegrecido em uma variedade de cores.

A nomenclatura binomial proposta por Linnaeus (1758) é um importante marco na classificação dos seres vivos e que por vezes apresenta histórias repletas de significados. Para a serpente da taboca *Imantodes cenchoa*, não é diferente. Para a descrição genérica, Duméril (1853: p. 111) utiliza uma diagnose que inclui a dentição opistóglifa, presença de escamas lisas no dorso, escamas ventrais anguladas, subcaudais em fileira dupla e cauda muito longa. Além disso, define como espécie tipo *Imantodes cenchoa* e atribui a autoria a Seba (1735). Na descrição do gênero *Imantodes* Duméril, Bibron & Duméril (1854), os autores explicam a etimologia (p. 1064): "*semblable à une ficelle, comme une courroie, corrigiola flexibilis, la mèche d'un fouet*", que pode ser traduzida livremente do francês como: "semelhante a uma corda, como uma correia, o pavio de um chicote". Sem explicação, Lemos-Espinal & Dixon (2013) sugerem que o nome genérico seja derivado da palavra

latina *immanis*, "enorme", e do sufixo grego *-odes*, "semelhança ou abundância", "provavelmente em referência ao tamanho relativo da cabeça ou dos olhos esbugalhados", e que o epíteto específico provavelmente é derivado da palavra grega *kenchros*, que significa "pequenos grãos", talvez referindo-se às "pequenas manchas laterais". Todavia, essa etimologia não encontra respaldo na explicação dada pelos próprios autores, reproduzida acima, e também indicada por Amaral (1978: 142). *Imantodes* é uma palavra composta originária do grego *imantos*, significando 'correia' ou 'tira de couro', e *eidos* (no Latim, odes) significando 'parecido' (Brown, 1954). Muito embora seja um nome bem apropriado pelo aspecto delgado, a resistência não está na capacidade de sustentar um grande peso, como uma tira de couro aguentaria, mas sim, na capacidade do animal manter elevada a metade anterior do corpo, sem que o ventre toque qualquer substrato (Henderson & Nickerson, 1976).

O epíteto específico também tem uma origem muito diferente da proposta por Lemos-Espinal & Dixon (2013). Frei Alonso de Molina, em 1571, na sua obra intitulada "*Vocabulario en lengua castellana y mexicana*", indica que a palavra *cencoatl* significa, na língua Nahuatl, "cobra grande e muito pintada" (Molina, 1571). Outro Frei, Bernardino de Sahagún em sua obra "*Historia General de las cosas de Nueva España*", dá uma descrição para essa serpente, traduzida livremente aqui: "Existe outra cobra chamada *cincóatl* ou *cencóatl*. É de tamanho médio. Não tem sinos [creptáculo], nem morde. É amarela, avermelhada e marrom escuro. Ele quer se parecer com a cobra chamada *tecutlacozauhqui*. Possui uma cabeça larga e uma boca grande. Não pare, mas faz ninho e bota ovos, e de lá saem seus filhotes. Enrola-se no corpo do que deseja matar. Pica com a língua e engole. Não tem veneno. [...] Há outras cobrinhas que são delgadas como os cabelos da cabeça, e quando andam, vão enroscadas; poucas vezes aparecem estas cobras." (Sahagún, 1577).

Esse verbete asteca "cencoatl" certamente confirma o que o apotecário Albertus Seba (1735) usou para descrevê-la no seu *Thesaurus* (Seba, 1735), como cobra chamada de Cencoatl, da América (Fig. 5), bastante bonita, em tradução livre do latim:

"É muito longa e muito esbelta, devido ao seu grande tamanho. A cabeça dela é pequena; seus olhos são grandes, localizados perto das narinas. Sua mancha é realmente bonita. Suas escamas são amareladas, cobertas ao longo das costas como um véu de cor castanha e cortadas nas laterais. As escamas abaixo do corpo são amarelas sujas."

O verbete *Cencoalt* chegou ao Brasil em 1818 como "serpente da América", segundo o *Diccionario geral da lingoa Portugueza de Algibeira*, publicado pela Academia de Sciencias (p. 602), mas parece ter rapidamente caído em desuso. Buffon & Chao (1854: p. 469) apresentam o nome *Cipo* ou *Zurucucu de Pattioba*, junto com uma lista sinonímica. Cipó é um nome brasileiríssimo e que realmente condiz com a condição delgada da serpente, que já era conhecida aqui como *boitiapô* (Marcgrave & Piso, 1648).

A descrição de Albertus Seba foi tão inspiradora que levou Carolus Linnaeus, em 1744, a mencioná-la na primeira edição de sua obra *Systema Naturae* como *Anguis de cencoatel americanus venustissimus*, destacando, em tradução livre (p. 29):

"Esta serpente está aqui acima de todas as outras, em função do grande comprimento, da forma muito delgada e quase filiforme" e a descrevê-la novamente como *Anguis de cencoatel* em sua obra *Amoenitates Academicae* (Linnaeus, 1749). Finalmente adota o binômio *Coluber cencoatel* em Linnaeus (1756: p.34). O trabalho de Linnaeus foi de certa forma simplificado nas descrições apresentadas na décima edição da clássica e revolucionária obra *Systema Naturae*, finalmente determinado como *Coluber cenchoa* (Linnaeus, 1758). Muito embora essa seja a autoria taxonômica oficial a partir desta data, essa serpente já despertava o interesse de várias pessoas ao redor do novo mundo possivelmente desde sempre, mas documentada desde meados do século XVI, como já mencionado.

O meu interesse por trabalho de campo, taxonomia e nomenclatura continuou. Não imaginava que a origem do nome fosse tão inspiradora. Percebi que o medo aumenta o tamanho das serpentes na mesma proporção que cria cores e desenhos de natureza desconhecida na imaginação do leigo quando nos descreve. Nosso sistema límbico ainda nos trata como há centenas de milhares de anos quando éramos caçadores-coletores. A mesma espécie que um dia causou medo ao homem no paleolítico, criou lendas nos ameríndios, fascinou os europeus, e ainda proporciona a mesma sensação de encantamento para qualquer biólogo apaixonado por história natural.

Anos depois eu estava no município de Envira, no Amazonas, novamente em busca de girinos de sapinho da taboca e eis que lá estava outra vez a mesma espécie de dormideira (Fig. 3E-G). Lembrei dos bons causos que ouvia do seringueiro, lembrei desse "aztequismo latinizado" no nome científico que levou a diversas interpretações ao longo do tempo que vão significando desde "a primeira serpente", passando por "cobra parecida com uma espiga de milho" até "a serpente que mama leite" (Hernández, 1651; Robelo, 1904).

Várias outras coisas ainda me despertam o interesse sobre como surgiram tantos mitos sobre as serpentes e esse limiar entre o fascínio e pavor que elas causam aos humanos. Henderson & Nickerson (1976) buscaram entender as preferências de forrageio, deslocamento e sítios de refúgio para as dormideiras, usando bromélias em terrários e assim, de forma experimental, aprendemos um pouco mais sobre elas, sobre sua atividade diária, mas nada se compara às observações naturalistas.

Fiquei a pensar se o hábito altamente especializado para a vida arborícola presume e sugere que o acasalamento seja feito nos galhos e que as deposições talvez possam ocorrer dentro da taboca e aí o argumento do seringueiro realmente estaria correto. Após várias leituras, me deparei com uma informação que me deixou boquiaberto: na Amazônia equatoriana, numa localidade chamada Santa Cecília, há um relato incrí-

vel (Duellman, 1978) de uma ninhada com 15 ovos encontrada em colmo de bambu e que dela eclodiram duas espécies de serpentes: *Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758) e *Leptophis ahaetulla* (Linnaeus, 1758). Queria contar isso ao sábio seringueiro e ouvir mais de seus relatos fantásticos. Entretanto, a atividade extrativista está em decadência e os seringueiros em sua maioria estão idosos e morrendo, os "*causos*" estão indo junto com eles.

Nas ciências biológicas, cada vez mais buscam-se respostas com valores estatísticos, publicáveis em revistas com alto fator de impacto, fazendo com que cada vez tenhamos menos ênfase em observações naturalísticas. Paralelamente, o financiamento para pesquisa de campo vai diminuindo, tornando-a mais difícil em termos logísticos. Paradoxalmente. Digo isso pois, em meio a tanta novidade e facilidade tecnológica, onde podemos compartilhar, em tempo real, nossas práticas de campo em redes sociais (quando assim a cobertura de internet permite) ou traduzir um artigo ou livro em alemão, espanhol, francês, inglês, latim ou qualquer outra língua num tempo curto, acessar obras raras e clássicas de forma gratuita em repositórios *online*, talvez seja a hora de aliar isso aos antigos cadernos com anotações de campo e assim a história natural municiada de novos curiosos, sobreviverá por muito tempo. Iniciativas de ciência-cidadã que pretendem popularizar os anfíbios e répteis são bem vindas e podem muito bem aproveitar toda a informação já disponível. Espero que novos curiosos, nos mais diversos lugares desse mundo globalizado, estejam surgindo e que possamos absorver novas ideias sem esquecer o quão bonito é fazer uma busca detalhada das histórias guardadas por trás do nome de cada espécie.

Agradecimentos

Agradeço a Teresa Cristina Ávila Pires, Luciana Barreto Nascimento, Julio Cesar Moura Leite pelas valiosas sugestões que melhoraram esse texto. Agradeço aos amigos José P. Pombal Jr, Ivan Prates e Vinícius Sudré que fizeram a leitura das versões preliminares e me encorajaram a seguir adiante com o manuscrito. Agradeço também aos seringueiros e demais povos da floresta e inúmeros companheiros de pesquisa pelo compartilhamento de saberes durante nossa convivência em campo.

Referências

Academia de Sciencias 1818. Diccionario Geral da Lingoa Portugueza de Algibeira. Imprensa Regia, Lisboa.

Amaral A. 1978. Serpentes do Brasil. Iconografia Colorida. - Brazilian Snakes: A Color Iconography. Edições Melhoramentos, São Paulo.

Brown H.W. 1954. Composition of scientific words. Author Edition, Baltimore.

Buffon G.L., Chao E. 1854. Los tres reinos de la naturaleza o museo pintoresco de historia natural: descripción completa de animales, vegetales y minerales útiles y agradables ... : con un tratado de geología ... y un bosquejo histórico de los progresos de las ciencias naturales en general y en España: obra arreglada sobre los trabajos

de los mas eminentes naturalistas de todos los países. Gaspar y Roig, Madrid.

Cunha O.R., Nascimento F.P. 1978. Ofídios da Amazônia. X. As cobras da região leste do Pará. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 31:1–218.

Duméril A.M.C. 1853. Prodrome de la classifcation des reptiles ophidiens. *Mémoiries de L'Académie des Sciences, Paris* 23: 399–536.

Duméril A.M.C., Bibron G., Duméril A.H.A. 1854. Erpétologie générale ou histoire naturelle complète des reptiles. Tome septième. Deuxième partie, comprenant l'histoire des serpents venimeux. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

Duellman W.E. 1978. The biology of an equatorial herpetofauna in Amazonian Ecuador. *Miscellaneous Publications of Museum of Natural History of the University of Kansas* 65:1–352.

Henderson R.W., Nickerson M.A. 1976. Observations on the behavioral ecology of three species of *Imantodes* (Reptilia, Serpentes, Colubridae). *Journal of Herpetology* 10:205–210.

Hernández, F. 1651. Rerum medicarum Novae Hispaniae thesaurus, seu, Plantarum animalium mineralium Mexicanorum historia. Ex typographeio Vitalis Mascardi, Romae.

Lemos-Espinal J., Dixon J.R. 2013. Amphibians and Reptiles of San Luis Potosí. Eagle Mountain Publishing, Eagle Mountain.

Linnæus C. 1744. Systema naturæ in quo proponuntur naturæ regna tria secundum classes, ordines, genera & species. Editio quarta ab auctore emendata & aucta. Accesserunt nomina Gallica. Parisiis, David.

Linnaeus C. 1749. Amoenitates Academicae, Vol. 1, Part 2. Holmiæ & Lipsiæ

Linnaeus C. 1756. Systema naturæ sitens regna tria naturæ, in classes et ordines, genera et species, redacta tabulisque æneis illustrata. Accedunt vocabula gallica. Editio multo auctior & emendatior. Lugduni Batavorum, Haak.

Linnaeus C. 1758. Systema naturæ per regna tria naturæ, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Editio decima, reformata. Laurentii Salvii, Holmiæ.

Marcgrave G., Piso W. 1648. Historia Naturalis Brasiliae... in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. Franciscus Hackium, Lugdun. Batavorum et Lud Elzevirium. Amstelodami.

Martins M., Oliveira M.E. 1999. Natural history of snakes in forests of the Manaus region, central Amazonia, Brazil. *Herpetological Natural History* 6: 78–150.

Molina A. 1571. Vocabulario en lengua castellana y mexicana [-mexicana y castellana]. Vol. 1 & 2. Casa de Antonio de Spinosa, México.

Robelo C.A. 1904. Diccionario de aztequismos, ó sea, catalogo de las palabras del idioma nahuatl, azteca ó mexicano: introducidas al idioma castellano bajo diversas formas, Volume 1. Autor, Cuernavaca.

Seba A. 1735. Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurata descriptio, et iconibus artificiosissimis expressio, per universam physices historiam. Tomus 2. J. Wetstenium, G. Smith, & Janssonio-Waesbergios, Amstelaedami.

Scheuchzer J.J. 1735. Kupfer-Bibel in welcher die Physica Sacra, oder Geheiligte Natur-Wissenschafft derer in Heil. Schrifft voirkommenden Natürlichen Sachen deutlich erklärt. Band 4. Christian Ulrich Wagner, Augsburg und Ulm.

Sahagún B. 1577. Historia general de las cosas de Nueva España. Editorial Porrúa, México.

Glossário

Bitela - grande

Caba - vespa

Carapanã - mosquito, pernilongo (geralmente culicídeo)

Espocava - estourava

Maceta - grande

Pixocotinho - muito pequeno

Porronca - cigarro muito grosso feito geralmente de tabaco artesanal

Rato coró - rato de bambu, roedor da subfamília Dactylomyinae cf. *Dactylomys boliviensis*.

Editores: Julio C. Moura Leite, Luciana B. Nascimento e Teresa C. S. Ávila-Pires



Figura 1. Algumas serpentes conhecidas como jararacas. *Dipsas catesbyi* (A). *Helicops angulatus* (B). *Hydrodynastes gigas* (C). *Leptodeira annulata* (D). *Xenodon severus* (E). *Bothrops atrox* (F). Apenas a última é peçonhenta.

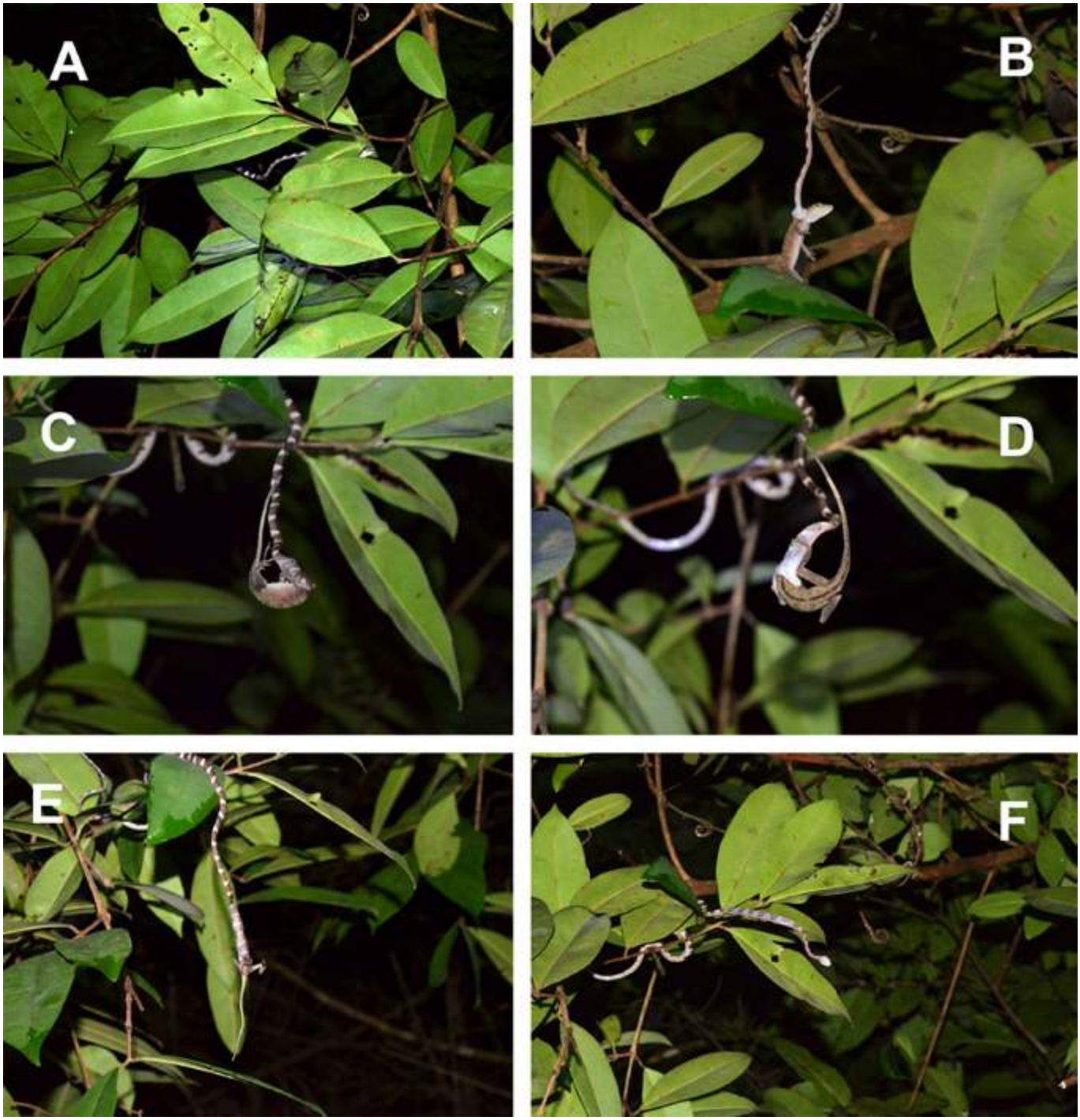


Figura 2. Sequência de comportamento predatório sobre *Anolis fuscoauratus* por *Imantodes cenchoa*. A- O corpo delgado da serpente é projetado de forma a não tocar na folha ou galho onde o lagarto se encontra. B- O lagarto é apresado pela região nucal. C- O lagarto começa a ser engolido pela cabeça. D- Extensão da mandíbula para deglutição. Note o lagarto ainda conferindo resistência com o pé. E- O tecido muscular fino e o pescoço delgado parecem que vão romper ao engolir o lagarto. Note que os membros posteriores e a cauda ainda estão para fora. F- Final do forrageamento e busca de um sítio de repouso.



Figura 3. Sequência da descoberta da cobra-da-taboca. A- Abertura geométrica na taboca feita por pica-pau. B e C- Dormideira dentro do colmo de taboca, Acre. D- Girino de sapinho-do-bambu (*Ranitomeya sirensis*). E- Abertura na taboca feita por besouros. F- Dormideira dentro do colmo de taboca, Amazonas. G- Aspecto geral e dócil da dormideira quando manuseada.

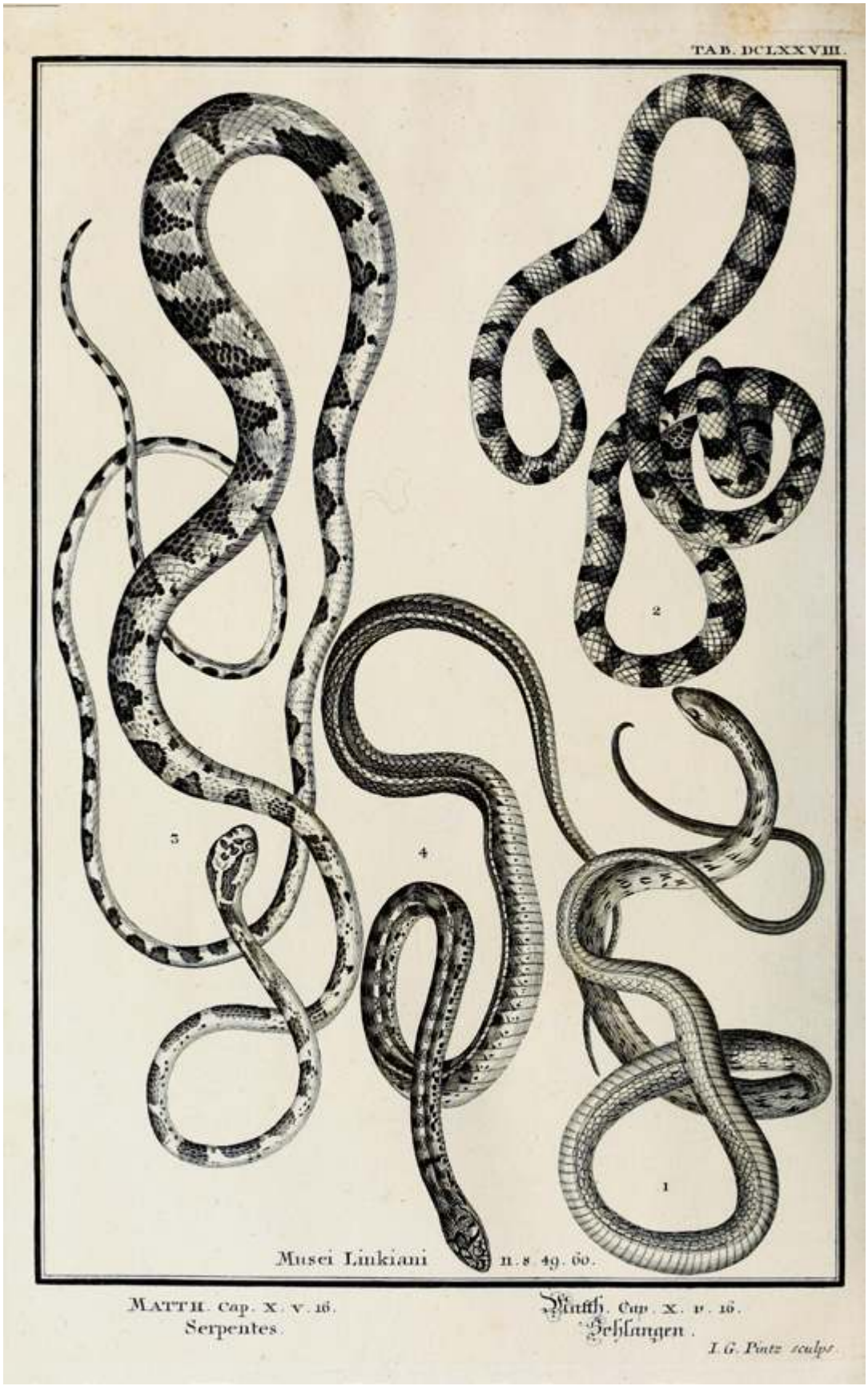


Figura 4. Reprodução da Prancha DCLXXVIII de Scheuchzer (1735) representando *Imantodes cenchoa* [espécime número 3].

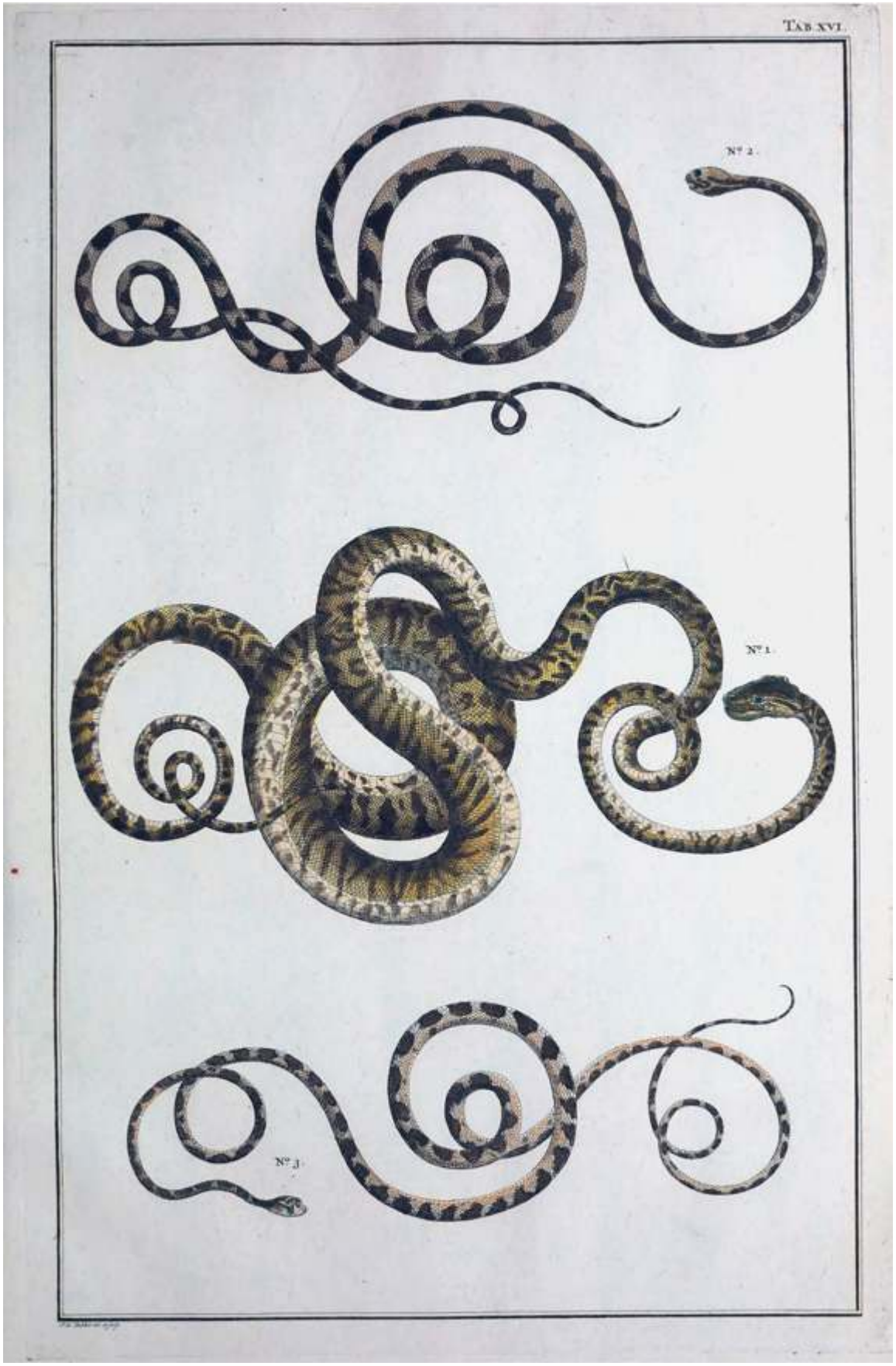


Figura 5. Reprodução da Prancha XVI de Albertus Seba (1735) utilizada por Carolus Linnaeus (1758) para descrever *Imantodes cenchoa* [espécimes no topo e abaixo].



Dendropsophus haddadi
Santa Teresa - ES
@ Alexander T. Mônico